

## **Fotografia de crianças e seus personagens midiáticos: contribuições para pensarmos as práticas educomunicativas no contexto educacional contemporâneo<sup>1</sup>**

Ademilde Silveira SARTORI<sup>2</sup>

Kamila Regina de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, SC.

### **RESUMO**

O presente artigo expõe reflexões sobre a presença de personagens midiáticos na cultura infantil por meio da análise de seis fotografias de diferentes épocas de acervos de família que trazem crianças vestidas com fantasias dos personagens midiáticos ‘Jeanie é um Gênio’, ‘Jaspion’, ‘Homem Aranha’, ‘Harry Potter’, ‘Batman’ e ‘Batgirl’. Percebeu-se pelas fotografias que os personagens midiáticos fazem parte da construção e reconstrução sociocultural da criança contemporânea. Uma vez que as referências midiáticas vêm desafiando a escola a lidar com um mundo de informações que ultrapassam seus muros, o contato com os acervos fotográficos de família revelaram possibilidades para se pensar no desenvolvimento de práticas educomunicativas no contexto educacional contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídias; fotografias; práticas educomunicativas; personagens midiáticos.

### **1. As crianças e os personagens midiáticos**

*[...] A TV, como os videogames, e, em certa medida, os computadores, favorecem um novo tipo de compreensão e de comunicação baseada nas propriedades da imagem [...].*

*Elza Dias Pacheco*

As descobertas e invenções tecnológicas têm transformado visivelmente a sociedade ao longo dos séculos, em especial nas últimas décadas, em que há uma forte presença das mídias nas práticas sociais e culturais cotidianas. Com isso as possibilidades de informação e comunicação são ampliadas e surgem novas referências na vida das pessoas e, portanto, na sua constituição sociocultural.

Assim, os contextos familiares e escolares são alvo da invasão das mídias, sendo que, dentre elas destaca-se a televisão e seu significativo papel como provocadora de fantasias. Diante da consolidada cultura televisiva em que nossa sociedade se encontra, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela USP, professora da disciplina Educação e Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UDESC, e-mail: [ademilde.sartori@udesc.br](mailto:ademilde.sartori@udesc.br)

<sup>3</sup> Pedagoga, mestranda em Educação – PPGE/UDESC, e-mail: [kamila.brasil@hotmail.com](mailto:kamila.brasil@hotmail.com)

que configura a televisão como uma importante referência cultural das crianças, é possível perceber as influências de sua programação no cotidiano desses sujeitos.

Ao interagir com as imagens, com as mídias e com pessoas de diferentes idades e realidades e assim vivenciar as mais variadas experiências sociais e culturais em seu cotidiano, as crianças constroem seus conhecimentos e valores próprios. De acordo com Salgado, Pereira e Jobim e Souza (2005, p. 13), “atribuir sentidos às imagens buscando nelas ou atribuindo a elas uma história é também cultivar a possibilidade de contar nossa própria história, recuperando a narrativa e a atenção, sem abdicar da nossa relação com as imagens – signos da cultura contemporânea”. Desta forma, as referências a que o sujeito contemporâneo tem acesso atuam na sua constituição, na sua forma de ver, sentir e agir as (e nas) coisas do mundo.

De acordo com Silva (2004, p.109), o contato com os Meios de Comunicação de Massa (MCM) desafia, desde muito cedo, as crianças a lerem as linguagens imagéticas. Ao observarmos produção cultural destinada ao público infantil – em especial a programação televisiva, por sua popularidade – percebemos que suas narrativas reúnem elementos como imagem, som, movimento, fala, escrita, enfim, linguagens que possibilitam que as crianças se identifiquem com suas histórias e personagens. Para Citelli (2004, p. 23), este encontro de diferentes signos num mesmo campo de representação faz da televisão um meio centrado fundamentalmente na linguagem complexa.

Walter Benjamim (1992, p.80) afirma que as transformações na percepção sensorial e cognitiva humana que ocorrem em diferentes momentos históricos faz com que as pessoas desenvolvam novas sensibilidades na sua representação de mundo. E, em termos de atualidade, marcada pelo desafio de ler as imagens imagéticas centradas na linguagem complexa da mídia televisiva, compreende-se que esse novo *sensorium* é desenvolvido cada vez mais cedo pelas pessoas, que desde crianças entram em contato com suas linguagens e produtos e os integram à sua cultura.

Percebe-se a presença de personagens de programas de televisão, filmes, desenhos animados, revistas em quadrinhos, livros, entre outros, nas práticas sociais e culturais cotidianas das crianças e, porque não dizer, dos adultos. Para nos aproximarmos às culturas infantis – nosso foco – diante da realidade desta sociedade marcada por profunda influência dos avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais, precisamos entender que a televisão representa significativo papel na constituição do sujeito, assim como os contextos da escola, da família e da religião, estes tidos como referências formais.

A TV disponibiliza à imaginação da criança todo um mundo de fantasia (por mais real e verdadeira que possa ser uma notícia veiculada, um programa de telejornal etc.) que, por sua vez, se reflete nas construções e reconstruções de seu próprio faz de conta. Girardello (1999, p.02) fala de uma “sensibilidade especial” da imaginação infantil:

**A infância é a grande fonte da nossa vitalidade imaginária.** É bem verdade que a imaginação é uma faculdade que se desenvolve em um contínuo, ao longo de toda a nossa vida. Mas é também verdade, que a imaginação na infância tem uma **sensibilidade especial**, que as crianças tendem a **se entregar mais livremente à fantasia**, e que da plenitude da experiência imaginária na infância depende em boa parte a saúde psicológica na idade adulta. O poder específico da imaginação da criança tem muitas razões: uma das mais singelas é o fato de a **imaginação se nutrir de imagens novas**, e para a criança o mundo está cheio de imagens novas. (grifos da autora)

A brincadeira, um dos elementos de expressão das culturas infantis, dá às crianças a chance de criar e recriar inúmeras situações aliando a imaginação e os inúmeros outros elementos com os quais ela interage em seu dia-a-dia. Com isso, elas constroem e reconstroem seu entendimento sobre essas interações e produzem seu modo de ser e de estar no mundo. Assim, ao observarmos as falas das crianças muito possivelmente perceberemos elementos que evidenciam o quanto elas constroem seus conhecimentos e perspectivas sociais e culturais a partir de diversos contextos, entre eles o universo da produção cultural para as crianças. Para Barbosa (2007, p.1069), o fato é que:

[...] As crianças se misturam, assimilam e produzem culturas que provêm da socialização tanto da cultura dos videogames, das princesas, das redes, dos CDs, como também da cultura dos amigos, do futebol, dos laços de afeto, da vida em grupo na escola e na família, tudo em um mesmo espaço e tempo social e pessoal [...].

E as fotografias? O que nos dizem sobre as referências culturais das infâncias contemporâneas? Como as crianças se relacionam com essas novas referências culturais? Como isso se reflete na educação escolar hoje? Entendendo a fotografia como uma representação que não é neutra uma vez que o universo das representações está diretamente ligado à cultura, este artigo se propõe a refletir sobre a presença da mídia e seus personagens na vida das crianças por meio das fotografias de obtidas de acervos de família.

Para tanto, foram analisadas seis fotografias<sup>4</sup> de diferentes épocas que retratam crianças vestidas com fantasias de personagens da mídia.

O intuito deste artigo não é impor interpretações pessoais sobre as fotografias aqui expostas, mas apresentar a análise das mesmas por meio da articulação da leitura dessas imagens e dos relatos dos familiares e/ou dos próprios fotografados com a intenção de promover interpretações que ampliem a compreensão sobre a forma com a qual as crianças se relacionam com os personagens midiáticos nos contextos familiares contemporâneos e como isso se reflete nas escolas.

## 2. As crianças e seus personagens midiáticos: fotografias e seus relatos

*“Agora eu era o herói/ e o meu cavalo só  
falava inglês”.*  
*Chico Buarque/ Sivuca*

Neste artigo serão apresentados a contextualização das narrativas dos personagens com os quais as crianças fotografadas estão caracterizadas, os relatos das pessoas fotografadas ou dos seus familiares, bem como a análise das fotografias. Ressaltamos, porém, que não pretendemos realizar um estudo aprofundado quanto aos personagens midiáticos em si, tampouco sobre as questões que dizem respeito ao campo da fotografia, mas um reconhecimento de que seria necessário recorrer a uma busca por informações sobre os personagens de modo a facilitar o entendimento da relação das crianças com os mesmos com vistas a pensar proposições para uma prática pedagógica educacional. As fotografias disponibilizadas para o presente estudo mostram crianças vestidas respectivamente com fantasias dos seguintes personagens midiáticos: ‘Jeanie é um Gênio’, ‘Jaspion’, ‘Homem Aranha’, ‘Harry Potter’, ‘Batman’ e ‘Batgirl’.

O seriado ‘Jeannie é um Gênio’<sup>5</sup> fez um grande sucesso no Brasil onde foi exibido primeiramente na década de 1960 pela TV Paulista que na época fazia parte da Rede Globo e, nas décadas seguintes, foi reprisada em várias emissoras brasileiras.

De acordo com o relato da própria Ta., fotografada enquanto ainda era uma menina, a fotografia abaixo foi feita no Carnaval de 1981 em Santos/SP, cidade onde morava: “Eu estava vindo de uma matinê... é só olhar como eu estava descabelada”, diz rindo. Ela afirma

---

<sup>4</sup> As fotografias foram cedidas por pessoas que fazem parte de nosso quadro de referência pessoal e que souberam de nosso interesse de pesquisa. Todas as fotografias, bem como os relatos descritivos das mesmas foram utilizadas com autorização por escrito das pessoas fotografadas e/ou de seus pais ou responsáveis.

<sup>5</sup> Informações disponíveis em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/I\\_Dream\\_of\\_Jeannie](http://pt.wikipedia.org/wiki/I_Dream_of_Jeannie)> Acesso em ago. 2011.

ainda que adorava o seriado ‘Jeanie é um Gênio’ que contava a história de um astronauta americano que conhece uma feiticeira, se apaixona e se casa com ela.



Fotografia 1: Ta. (‘Jeanie é um Gênio’).  
Fonte: Acervo da família Machado, 1981.

Percebe-se que Ta. foi fotografada num espaço amplo e aberto e não em um estúdio fotográfico. A procura por esses estúdios era muito comum naquela época, pois, ter uma câmera fotográfica em casa era algo caro e, portanto, raro. Atualmente, continua-se indo aos estúdios fotográficos, não tanto pela dificuldade em se ter uma câmera fotográfica – que estão vindo até mesmo acopladas aos celulares, por exemplo – mas, por se querer a qualidade de uma fotografia feita por um profissional e/ou os recursos e efeitos que o estúdio pode trazer à fotografia. Sobre o controle dos meios técnicos de produção cultural, Mauad (2004, p.23) afirma que “até por volta da década de 1950, foi privilégio da classe dominante ou frações desta”. Outro aspecto que se pode destacar nesta fotografia é o fato de que, embora expresse um largo sorriso, Ta. não está fazendo pose, não há encenação, assim ela parece muito à vontade com a situação.

Já a fotografia abaixo – na qual Ti. está vestido com a roupa do protagonista da série, ‘Jaspion’ – foi feita num estúdio fotográfico e, embora o menino esteja sorrindo, ele não olha em direção à câmera. É possível perceber também que a parede de fundo do estúdio está coberta por um papel de parede com motivos de paisagem, o que parece ser proposital, uma vez que remete a uma certa neutralidade. A mãe de Ti. relata que a

fotografia foi feita no ano de 1989, quando o menino tinha quatro anos de idade, num estúdio fotográfico localizado no município de São José/SC, cidade onde moram até hoje. A opção pelo estúdio foi em função da família não ter condições financeiras para adquirir uma câmera fotográfica na época.



Fotografia 2: Ti. ('Jaspion').  
Fonte: Acervo da família Melo, 1989.

De acordo com a mãe de Ti., ele gostava muito do personagem do Jaspion, por isso quis ir com a fantasia: “Ele assistia todos os dias o seriado na televisão e imitava o personagem, só tirava a fantasia para dormir e tomar banho. Ele usou a fantasia até rasgar!”. Ela conta que a fantasia foi comprada no Mercado Público de Florianópolis/SC e que a roupa vinha acompanhada de máscara e espada. A mãe relata ainda que ele brincava com a espada quando usava a fantasia, mas como ela não gostava da brincadeira, escondia a espada dele. Ela finaliza seu relato explicando que nesta fotografia ele não está com a fantasia completa, mas que tinha outra fotografia em que ele está também a com a máscara, porém, esta foi rasgada acidentalmente por um dos seus netos, filho de Ti.

A série ‘Jaspion’<sup>6</sup> foi transmitida no Brasil inicialmente pela Rede Manchete a partir de 1988 e posteriormente passou a ser exibida por outras emissoras, mantendo sempre elevados índices de audiência. O seriado narra as aventuras do super-herói Jaspion, que foi encontrado ainda criança pelo profeta Edim após um acidente espacial em que seus pais

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jaspion>>. Acesso em ago. 2011.

morreram. Jaspion cresce convivendo com animais e com a vida selvagem e, quando adulto, é alertado por Edim da ameaça de Satan Goss sobre o universo, ameaça esta prevista na bíblia galáctica. Para livrar-se de Satan Goss, Jaspion parte pelo espaço até chegar à Terra. A série obteve muito sucesso entre as produções do gênero de super-heróis japoneses e se tornou muito popular.

Falando em popularidade, o ‘Homem Aranha’<sup>7</sup> é desde a década de 1960 um dos mais populares super-heróis dentre as mais variadas mídias: histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes, jogos etc. A história do Homem Aranha tem início quando a personagem Peter Parker, órfão criado desde criança pelos tios, já adolescente é picado por uma aranha que provoca mutações no seu organismo. Peter descobre que ao ser picado pela aranha ganhou poderes e passa a utilizá-los para combater o crime em Nova York.



Fotografia 3: Fre. (‘Homem Aranha’).  
Fonte: Acervo da família Bach, 2001.

A fotografia acima foi feita na festa de aniversário de oito anos do primo de Fre., em Novo Hamburgo/RS. O menino fotografado tinha dois anos e seis meses de idade e, segundo, relato de sua mãe, já adorava a personagem ‘Homem Aranha’. Ela conta ainda que para fazer a fotografia foi usada uma câmera fotográfica profissional, mas operada por um amador. É possível perceber que o tema da decoração do salão de festas no qual ocorreu o aniversário é de super-heróis, o que fica evidente nas personagens de decoração dispostas sobre a mesa principal. O menino faz pose e sorri em direção à câmera, o que indica que

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem-Aranha>> Acesso em ago. 2011.

embora o ambiente estivesse preparado para a festa de seu primo, servia também como pano de fundo para a fotografia dos convidados.

Outra série de grande sucesso entre as crianças é ‘Harry Potter’<sup>8</sup>, a qual teve sua origem em livros, sendo o primeiro volume publicado em 1997. O sucesso e a crescente popularidade das obras estenderam-se para outras mídias, como filmes e jogos. A história começa com a morte dos pais de Harry Potter por Lord Voldemort, que vive aterrorizando o mundo dos bruxos. Harry fica conhecido nesse mundo como o “menino que sobreviveu”, ficando apenas com uma cicatriz em forma de raio em sua testa. Órfão, ele é criado pelos tios (que não são bruxos), mas aos onze anos ele recebe cartas da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, é informado que é um bruxo, vai para essa escola e lá vive várias aventuras aprendendo a controlar a magia e a enfrentar Lord Voldemort.



Fotografia 4: A. F. (‘Harry Potter’).  
Fonte: Acervo da família Torres (2010).

Segundo relato da mãe de A. F., a fotografia acima foi feita no carnaval do ano de 2010 na instituição educacional da qual ele é aluno. O menino tinha cinco anos de idade e escolheu a fantasia do personagem Harry Potter por adorar todos os filmes da série. A mãe conta que ele assistiu aos filmes várias vezes e que conhece muito bem os detalhes das histórias. A fantasia foi feita pela avó do menino, que é costureira e a caracterização foi feita pela mãe. Percebe-se que o local escolhido para fazer a fotografia não foi preparado para tal, isto é, não está decorado com motivos carnavalescos conforme indica a situação

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry\\_Potter\\_\(s%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_(s%C3%A9rie))> Acesso em ago. 2011.

em que a fotografia foi feita. O menino parece fazer uma pose empunhando a varinha da personagem e olha, sorrindo, em direção à câmera fotográfica.

Outro super-herói muito popular é ‘Batman’<sup>9</sup>, que teve sua primeira aparição em histórias em quadrinhos em 1932. Desde então, alguns elementos de sua história passaram por mudanças como suas roupas, sua personalidade e parceiros, mas a sede de justiça permanece. Hoje suas narrativas podem ser encontradas em diversas mídias. Os enredos contam as aventuras de Bruce Wayne, empresário e filantropo bilionário que vê seus pais serem assassinados quando criança. Por ter aversão a arma de fogo ele aprende várias técnicas de luta e combate, buscando a perfeição física e intelectual. Como ele não possui poderes sobre-humanos, ele cria um uniforme inspirado nos morcegos e apetrechos tecnológicos para lutar contra o crime.

Já ‘Batgirl’<sup>10</sup> surgiu a partir do sucesso da série de TV de Batman exibida na década de 1960. Batgirl era uma bibliotecária e auxiliou Batman e Robin na luta contra o crime, mas após ser baleada pelo vilão Coringa ela perde o movimento das pernas e adota o nome “Oráculo”, se tornando especialista em sistemas de informação e passando a auxiliar todos os super-heróis fornecendo informações pela Internet.



Fotografia 5: Be. e Ni. (‘Batman e Batgirl’)  
Fonte: Acervo da família Rangel, 2011.

A fotografia acima foi feita em Florianópolis/SC, no ano de 2011, na casa dos tios e padrinhos de Be. onde acontecia um encontro de familiares durante as férias de verão. De

<sup>9</sup> Informações disponíveis em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Batman>> Acesso em ago. 2011.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Batgirl>> Acesso em ago. 2011.

acordo com a madrinha e tia do menino, as crianças gostam do Batman e de se vestir de super-heróis. Ela relata ainda que Be., de dois anos de idade, sempre usa capa, seja a da fantasia ou uma fralda amarrada no pescoço. Ni., de cinco anos de idade, também adora se vestir de Batman: “Quem a chama de Batgirl são os adultos, para ela isso parece ser irrelevante, o que importa é vestir a roupa de super-heroína e brincar com o irmão e os primos”, conta a tia da menina. Nesta fotografia é interessante perceber que não há preocupação com poses ou preparação do ambiente, parece que a intenção foi flagrar um momento espontâneo de brincadeira das crianças, que, naquele instante estavam “voando”, segundo a tia.

A fotografia abaixo, feita no mesmo dia e local da fotografia anterior, percebemos que o menino sabe da presença da câmera, mas não há preocupação com a preparação de ambiente, ou fundo para a fotografia. Conforme o relato da tia, Ed., de quatro anos de idade, “ama se vestir de Batman. Sente-se o próprio com todos esses apetrechos, que faz questão de usá-los todos, pronto pra salvar Gotham City!”.



Fotografia 6: Ed. ('Batman').  
Fonte: Acervo da família Dyck, 2011.

Ao utilizar um brinquedo ou uma fantasia, as crianças têm em mãos um aliado na construção de suas narrativas e, são justamente essas narrativas, que contribuem para uma melhor compreensão das culturas infantis pelo adulto. Ou seja, “[...] o brinquedo não condiciona a ação da criança: ele lhe oferece um suporte determinado, mas que ganhará novos significados através da brincadeira” (BROUGÈRE, 2008, p.09).

Por isso, um olhar atento e livre de preconceitos pode contribuir para uma melhor compreensão das relações que as crianças estabelecem com as narrativas e personagens de filmes, desenhos animados, livros, revistas etc. É a possibilidade de materializar as narrativas que assistem na televisão e de interagir de acordo com o sentido que a imagem dos objetos indica ao enredo da brincadeira que faz com que as crianças atribuam ainda mais sentido as suas próprias narrativas e aos personagens que assumem. E, brincando, negocia-se regras, constrói-se e reconstrói-se valores, conceitos, enfim, conhecimentos sobre as coisas do mundo.

### **3. A fotografia e as práticas educomunicativas**

*Educomunicação é essencialmente  
práxis social [...].  
Ismar Soares*

O exercício de analisar as fotografias de modo fidedigno foi possível graças às informações relatadas pelas pessoas que as disponibilizaram. Assim, nossas análises consideraram uma das premissas apresentadas por Mauad (2004, p.20) para o tratamento crítico das imagens fotográficas, qual seja o princípio da intertextualidade, isto é “[...] uma fotografia, para ser interpretada como texto (suporte de relações sociais), demanda o conhecimento de outros textos que a precedem ou que com ela concorrem para a produção da textualidade de uma época. [...]”. Em outras palavras, a análise foi possibilitada pela relação de nossas impressões sobre as imagens com os relatos pessoais e pela aproximação às narrativas vividas pelos personagens midiáticos referidos pelas crianças fotografadas.

Como podemos perceber por meio dos relatos das pessoas que nos cederam as fotografias, há um grande envolvimento destas com as fotografias, uma relação mesmo de afetividade com essas imagens, com as pessoas e lugares, com um momento vivido, com uma lembrança. Por isso, entendemos que tais relatos podem contribuir para uma melhor interpretação das imagens.

Diante disso, tomados os devidos cuidados no tocante à interpretação das fotografias, reconhecemos que estas podem ser utilizadas como recurso para compreender a realidade vivida pelas crianças contemporâneas fora do contexto escolar e, a partir daí, se pensar em práticas pedagógicas que abarquem as expectativas e necessidades das escolas, das famílias e das crianças que vivem em meio às referências midiáticas.

Numa contemporaneidade de consolidada cultura televisiva Brougère (2008, p. 54) explica:

O grande valor da televisão para a infância é oferecer às crianças, que pertencem a ambientes diferentes, uma linguagem comum, referências únicas. Basta lembrar um herói de desenho animado para que as crianças entrem na brincadeira em pé de igualdade, ajustando seu comportamento ao dos outros a partir daquilo que conhecem do seriado lembrado. Numa sociedade que fragmenta os contextos culturais, a televisão oferece uma referência comum, um suporte de comunicação.

Os desenhos animados, filmes, histórias em quadrinhos, seriados etc. que são referidos pelas crianças em suas brincadeiras costumam possuir narrativas que envolvem a luta do bem contra o mal, efeitos sonoros que conotam suspense e ação, efeitos visuais que deixam os enredos mais atraentes, o que parece fazer com que as crianças se identifiquem com os personagens e as suas histórias, assim, é compreensível que as crianças também queiram se transformar nos personagens e viver suas aventuras. Conforme Girardello (1999, p.04):

Os heróis, heroínas e aventuras da TV são usados como matéria-prima da vida de fantasia das crianças. As narrativas da TV funcionam como uma espécie **de pré-roteiro** para a brincadeira imaginativa das crianças. Isso acontece inclusive durante a própria experiência, já que as crianças brincam e devaneiam com frequência enquanto assistem televisão. (grifo da autora)

Uma vez que as mídias possuem recursos capazes de captar a atenção das crianças, as quais se apropriam também de valores, princípios e conceitos propagados por ela, ampliar o entendimento do papel desempenhado por essas importantes referências culturais contemporâneas na vida das crianças é uma necessidade, sobretudo quando a comunidade escolar já não se configura mais como único espaço de formação e de construção e reconstrução de conhecimentos. Pensando nisso, nos parece pertinente a contribuição da área da Educomunicação no que se refere à inter-relação das áreas da Educação e da Comunicação. A Educomunicação é definida por Soares (2002, p.24) como:

[...] conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem.

Por ecossistema comunicativo, o autor (2011, p.44) entende um “ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias”.

O conceito de Educomunicação e o entendimento de ecossistema comunicativo trazido por Soares, contribuíram para que pensássemos aqui nas práticas educacionais como possibilidade para a prática pedagógica realizada no interior das escolas de hoje. Em nosso entendimento, as práticas educacionais estão preocupadas com a ampliação dos ecossistemas comunicativos, isto é, mais do que se preocuparem com a utilização dos recursos tecnológicos no “quê fazer” pedagógico estas se preocupam com a ampliação dos índices comunicativos estabelecidos entre os sujeitos que participam do processo educativo: comunidade escolar, crianças, família, sociedade. Nesse sentido, as fotografias, mais do que fruto do desenvolvimento tecnológico, participam do surgimento de novas sensibilidades nos sujeitos contemporâneos e, utilizadas a favor do estabelecimento de ecossistemas comunicativos podem favorecer o entendimento dos adultos (pais, professores etc.) quanto a participação das referências midiáticas no entendimento de mundo do sujeito-criança.

## **CONCLUSÃO**

Com o presente estudo percebeu-se que o acesso às mídias tem permitido às crianças o contato com diferentes referências, sendo possível perceber, por meio de fotografias de acervos de família que os personagens de programas de televisão, filmes, desenhos animados, revistas em quadrinhos, livros etc. fazem parte da cultura infantil, participando das suas brincadeiras e em consequência, da sua construção e reconstrução de seus conhecimentos e de suas culturas próprias.

Daí a necessidade de se promover a aproximação das culturas infantis contemporâneas, de modo que tenhamos condições reais de propor experiências enriquecedoras e esclarecedoras sobre os aspectos que envolvem as mídias, importantes referências para as infâncias dos dias de hoje. Neste sentido, entendemos que os pesquisadores devem fazer com que as fotografias ultrapassem o caráter de mera ilustração e se configurem como elementos de análise das relações entre as crianças e suas referências culturais. Desta forma, vemos que as práticas educacionais - porque preocupadas com

a ampliação dos índices comunicativos no “quê fazer” pedagógico - revelam importantes contribuições no que se refere às novas demandas da escola nesta contemporaneidade marcada pela forte presença das referências midiáticas.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, J. A parte do espectador. *In: \_\_\_\_\_*. **A imagem**. São Paulo: Papyrus, 1993.

BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, nº 100. Especial, p.1059-1083, out. 2007.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. *In: \_\_\_\_\_*. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Antropos, 1992.

BUARQUE, C. Sivuca. **João e Maria**. *In: CD Perfil Chico Buarque*. Universal Music, 1989.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CITELLI, A. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. *In: \_\_\_\_\_* (Org.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GIRARDELLO, G. **A Imaginação Infantil e as Histórias da TV**. 1ª Jornada de Debates sobre Mídia e Imaginário Infantil, 1999. Disponível em < <http://www.nica.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/01/A-imaginacao-da-infantil-e-as-historias-da-tv.pdf> > Acesso em 05/07/2012.

KOSSOY, B. Iconologia: Caminhos da Interpretação. *In: \_\_\_\_\_*. **Fotografia & História**. 2ª Ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, M. M. **Retratos de família: Leitura da fotografia histórica**. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MAUAD, A. M. Fotografia e História – possibilidades de análise. *In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda*. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PACHECO, E. D. **Televisão, Criança e Imaginário e Educação: Dilemas e Diálogos**. *In: Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo, 1999. Disponível em

<[http://www.aurora.ufsc.br/artigos/artigos\\_alfabeto\\_TV.htm](http://www.aurora.ufsc.br/artigos/artigos_alfabeto_TV.htm).> Acesso em 10/07/2011.

SALGADO, R. G. PEREIRA, R. M. R. , SOUZA, S. J. e. **Pela tela, pela janela:** questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 9-24, jan./abr. 2005.

SILVA, S. T. A. Desenho animado e educação. *In:* Citelli, Adilson (Org.). **Outras linguagens na escola:** publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação:** contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação. **Revista Comunicação & Educação.** São Paulo, n.23: jan./abr. 2002.